

Crises de Imagem de Ministros de Estado nas Capas da Folha de S.Paulo (2019-2022)¹

Gabriela Boechat²
Wladimir Gramacho³
Universidade de Brasília - UnB

Resumo

Este trabalho descreve a citação a ministros de Estado do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) nas capas do jornal Folha de S.Paulo. O estudo utiliza o conceito de Ciclo de Crise de Imagem Política (CCI-POL), proposto por Gramacho (2019), para analisar a valência dessa exposição (se positiva, neutra ou negativa) e identificar eventos prejudiciais à imagem e reputação desses atores políticos. A pesquisa identificou 89 ciclos de crise de imagem durante todo o governo, praticamente um a cada 15 dias. Os dados mostraram que, na gestão Bolsonaro, crises de "mau desempenho" foram as mais comuns, assim como em gestões anteriores. A exposição midiática de "opiniões" e declarações controversas de ministros aparece em segundo lugar, sendo mais decisiva para a criação de ciclos de desgaste político do que em qualquer outro período desde a redemocratização.

Palavra-chave: crise de imagem; mídia e política; Jair Bolsonaro; ministros de Estado; escândalos políticos

Introdução

Em países democráticos, como o Brasil, ministros de Estado são um braço importante do Poder Executivo. Escolhidos pelo Presidente da República, são responsáveis por administrar diversos setores governamentais e transformar diretrizes em ações concretas. Além de atuarem como autoridades nos assuntos que gerenciam, os ministros podem realizar a função de aconselhamento do presidente com base em experiências e informações técnicas, além de exercer papel importante na articulação do poder Executivo com o Legislativo (PALOTTI e CAVALVANTE, 2018).

Dada a centralidade desses agentes no funcionamento do Estado e na formulação de políticas públicas, é natural que a imprensa esteja atenta e monitore suas ações,

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 9º Semestre, do Curso de Jornalismo da Universidade de Brasília - UnB, e-mail: gabrielaboechat@hotmail.com

³ Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e Doutor em Ciência Política pela Universidade de Salamanca. E-mail: wggramacho@gmail.com

desempenhando um papel crucial não apenas na manutenção de seus cargos, mas também na avaliação constante de sua atuação (CHAIA e TEIXEIRA, 2001).

Com base em Thompson (1995), Chaia e Teixeira (2001) explicam que a visibilidade que agentes políticos possuem na mídia hoje são como uma faca de dois gumes: beneficiam essas figuras por tornar públicas e com alto alcance atividades e projetos de governo, permitindo reconhecimento de suas ações; por outro lado, porém, em razão da dificuldade em controlar a exposição, tal visibilidade pode se tornar uma "armadilha" para as lideranças, resultando em escândalos políticos.

Assim como demonstrou a pesquisa de Gramacho (2022), o objetivo deste trabalho é evidenciar que o principal mecanismo pelo qual a imprensa exerce poder e influência sobre a reputação de autoridades políticas nos dias atuais é a geração de ciclos de crise de imagem.

Ciclo de crise de imagem política, ou CCI-POL, é o conceito utilizado para definir toda dinâmica e sucessão de eventos midiáticos e políticos que podem arriscar a reputação de autoridades e, de forma indireta, seus superiores hierárquicos (GRAMACHO, 2019).

No governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), objeto deste estudo, pode-se citar três casos marcantes de crises de imagem de ministros na imprensa que culminaram na demissão destes. São as situações que envolvem Luiz Henrique Mandetta (ex-ministro da Saúde), Milton Ribeiro e Abraham Weintraub (ambos ex-ministros da Educação).

Mandetta deixou o governo após embates com Bolsonaro sobre a gestão da pandemia. A imprensa registrou trocas de indiretas entre os dois, como declarações sobre isolamento social e o uso da “caneta” presidencial. Mesmo com alta popularidade, Mandetta foi demitido em abril de 2020, após semanas de desgaste midiático.

Milton Ribeiro deixou o cargo em março de 2022, após a Folha divulgar áudio em que dizia repassar verbas do MEC a municípios indicados por pastores aliados ao governo. O caso virou alvo da Polícia Federal, e o ex-ministro foi preso três meses depois.

Já Weintraub pediu demissão em junho de 2020, após críticas ao STF em uma reunião ministerial virem à tona. Ele chamou os ministros da Corte de “vagabundos” e disse que deveriam estar presos. O episódio gerou ampla repercussão, com ao menos 16

matérias em 12 capas da Folha. Mesmo alinhado a Bolsonaro, saiu sob intensa pressão da mídia.

Sob uma perspectiva institucionalista, os ciclos de crises de imagem política podem parecer passageiros ou acontecimentos que logo se esgotam na cobertura midiática, sem consequências duradouras. No entanto, com base em Thompson (2000) e Gramacho (2019), observa-se que esses eventos impactam diretamente as fontes de poder e despertam a ação e o interesse de políticos, assessores, consultores e jornalistas em todo o mundo (GRAMACHO, 2019).

Este trabalho é constituído como uma continuação das pesquisas de Gramacho (2019 e 2022), que consolidou o conceito de CCI-POL e criou uma extensa base de dados que identifica e analisa as crises de imagem política de ministros de Estado desde o governo de José Sarney ao de Michel Temer. O objetivo do projeto é construir e disponibilizar o banco de dados, nos moldes do já consolidado por Gramacho, referente à gestão de Jair Bolsonaro (2019-2022).

Metodologia

Os dados desta pesquisa resultaram de análise de conteúdo das capas do jornal Folha de S.Paulo no período que corresponde ao governo de Jair Bolsonaro – entre 1 de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2022. Seguindo a mesma metodologia utilizada por Gramacho (2022), a estudante leu integralmente as capas da Folha do período estudado e identificou todas as citações a ministros de Estado em exercício.

As menções foram transcritas, de forma manual, para a base de dados "Ministros de Bolsonaro nas capas da Folha (2019-2022)" com identificações de data, título da chamada de capa, texto da chamada de capa, nome do ministro citado, ministério em que atuava, se havia foto do ministro (ou não) e a valência (positiva, neutra ou negativa) de cada citação (GRAMACHO, 2022). Para garantir a confiabilidade da classificação, a base de dados passou por uma inspeção amostral de outro avaliador.

Além de chefes de ministérios, também foram incluídos na base de dados aqueles que, embora não tenham título de ministro, possuem tal status por força da lei (GRAMACHO, 2022). São eles: o Advogado Geral da União, o Controlador Geral da União, e o presidente do Banco Central – este somente até fevereiro de 2021, quando foi sancionada a Lei Complementar 179/2021, que garantiu a autonomia do Banco Central.

Terminada a construção dessa primeira base de dados, a identificação e classificação dos ciclos de crise de imagem política de cada ministro deu origem a uma segunda base de dados. No primeiro caso, as unidades de observação foram as citações individuais a ministros nas capas da Folha. No segundo caso, as unidades de observação foram os ciclos de crise de imagem política identificados durante o governo Bolsonaro. Seguindo a metodologia adotada no “Banco de Dados de Ciclos de Crise de Imagem Política de Ministros de Estado na Nova República”, foi considerado que um ministro passava por um ciclo de crise de imagem política quando, em um intervalo de três dias consecutivos, ao menos dois deles apresentaram uma menção negativa a um determinado ministro e sobre o mesmo assunto. Nos casos em que isso ocorreu, foram analisados os 7 dias anteriores e posteriores ao intervalo de dias em que a crise foi identificada. Quando encontradas menções negativas ao mesmo ministro e sobre o mesmo assunto, as citações foram incluídas na mesma crise, permitindo mensurar a duração e a intensidade dela (GRAMACHO, 2022).

As crises foram então classificadas entre seis categorias com base no trabalho anterior de Gramacho (2022), divididas em crises morais e não morais. No primeiro grupo, tem-se "corrupção", que se refere ao desvio de recursos financeiros; "abuso de poder", que diz respeito ao uso indevido da autoridade para ganho pessoal, prejudicar adversários ou favorecer aliados; e "conflito de interesses", que ocorre quando as decisões públicas de um ministro se misturam com interesses privados. (GRAMACHO, 2022).

Por outro lado, as categorias de natureza não moral incluem "mau desempenho", "disputa político-partidária" e "opinião". "Mau desempenho" está relacionado a falhas na prestação de serviços ou na implementação de políticas públicas, sinalizando que a autoridade política não está cumprindo adequadamente suas funções. A "disputa político-partidária" se refere a quando um ministro enfrenta resistência dentro de seu próprio partido ou entre aliados do governo, muitas vezes devido à divisão de recursos políticos e orçamentários. Já as crises de "opinião" envolvem declarações controversas feitas publicamente ou à imprensa, que podem desencadear reações sociais e atrair a atenção da mídia (GRAMACHO, 2022).

Resultados

Ministros de Estado foram citados em capas da Folha em pouco mais da metade dos 1461 dias do mandato de Jair Bolsonaro: 746 dias, ou 51,1% do total. Nos dias em que há citação de ministros, a média de citações é de 1,9, ou seja, praticamente duas menções diárias a ministros na capa do jornal.

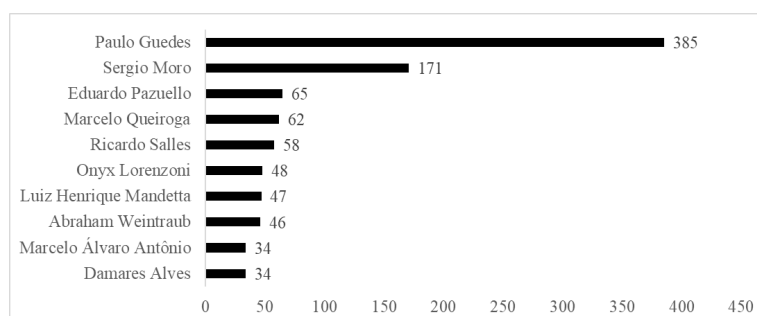
O ministro mais citado foi Paulo Guedes (Economia): 385 vezes, praticamente duas vezes por semana ao longo do mandato de Bolsonaro. O segundo mais mencionado foi Sérgio Moro (Justiça), com 171 citações. O terceiro foi Eduardo Pazuello (Saúde), já com um número muito inferior: 65 menções.

O número de citações a cada ministro em cada gestão pode ser influenciado por diversos fatores, mas fica evidente que os chefes da Economia, independentemente do governo, tendem a ser os mais expostos. A pesquisa de Gramacho (2022) revelou que, de José Sarney a Michel Temer, os chefes da pasta econômica foram assunto em mais de 40% das citações totais. O padrão se manteve na gestão de Bolsonaro. Paulo Guedes foi responsável por 26,4% de todas as citações identificadas entre 2019 e 2022.

Sergio Moro, com 11,7% das citações, era um dos ministros mais populares de Bolsonaro, devido à atuação na Lava Jato e à condenação de Lula — depois anulada pelo STF. Sua gestão foi marcada por polêmicas e atritos com Bolsonaro sobre a interferência na Polícia Federal.

O terceiro mais citado foi Eduardo Pazuello, com 4,4% das menções. General, ele foi ministro da Saúde nos meses mais críticos da pandemia de covid-19 no Brasil, tendo assumido o cargo depois da demissão de dois antecessores por disputas políticas na gestão da crise sanitária.

Figura 1: Os 10 ministros de Estado mais citados na capa da *Folha* (2019-2022)



Entretanto, considerando o tempo no cargo, os ministros mais expostos foram Carlos Decotelli, Sergio Moro e Nelson Teich. Decotelli, indicado após a saída de

Weintraub, chegou com boa expectativa, mas caiu em descrédito após vir à tona que não concluiu o doutorado na Universidade de Rosário, como alegava. A imprensa revelou outras inconsistências em seu currículo, e ele pediu demissão após apenas seis dias, período em que apareceu oito vezes nas capas da Folha.

Sérgio Moro foi o segundo ministro com mais citações por dia de mandato. Em junho de 2019, o site The Intercept Brasil divulgou mensagens entre ele e Deltan Dallagnol que indicavam colaboração com o MPF na Lava Jato — escândalo conhecido como “Vaza Jato”. O episódio levou à anulação de processos conduzidos por Moro, incluindo condenações de Lula. Próximo ao fim de sua gestão, Moro rompeu com Bolsonaro após a troca do diretor da Polícia Federal, que considerou uma interferência do presidente. Com alta popularidade, crises e propostas de segurança pública em destaque, foi citado 171 vezes em 480 dias — uma menção a cada 2,8 dias.

Nelson Teich ocupa o terceiro lugar entre os ministros com mais citações por dia de mandato. Ficou menos de um mês à frente da Saúde e deixou o cargo após desentendimentos com Bolsonaro sobre o uso da cloroquina e medidas de isolamento. Assumiu com a expectativa de alinhar o discurso ao do presidente, mas as divergências ganharam destaque na imprensa durante o auge da pandemia. Foram 10 citações em 29 dias — uma a cada 2,9 dias.

Quando analisada a exposição dos ministérios, os três mais citados são, na ordem: Economia, Justiça e Saúde. A Economia segue padrão de outros governos como uma das pastas mais expostas na capa da Folha. Durante a gestão de Guedes, a pasta teve destaque devido às propostas de reformas econômicas e privatizações, refletindo a visão liberal do ministro.

A justiça e a segurança pública, por sua vez, foram áreas prioritárias na gestão de Bolsonaro. Sob a liderança de Sergio Moro, a pasta atuou no aumento de penas, na flexibilização das armas, no fortalecimento do exército e no combate ao crime organizado, com destaque para o Pacote Anti Crime do ministro.

Já o Ministério da Saúde ganhou relevância no noticiário durante a pandemia de covid-19, atraindo grande atenção da mídia não só pelo interesse público acerca do tema, mas também em razão das controvérsias na gestão da crise sanitária.

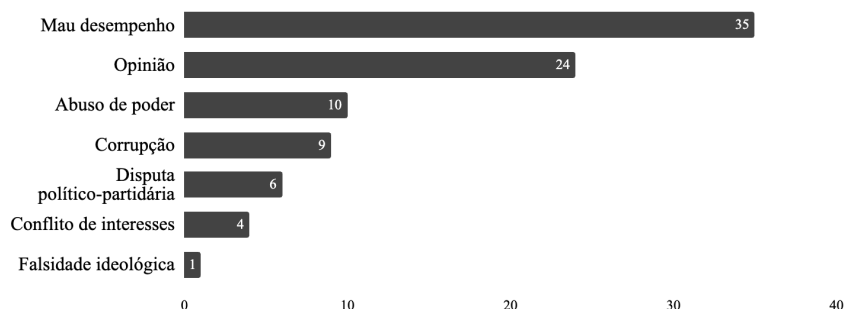
Ciclos de crise de imagem política

No total, a equipe ministerial de Jair Bolsonaro enfrentou 89 ciclos de crise de imagem ao longo de seu mandato. Praticamente uma a cada 15 dias. O tipo de crise mais comum foi por mau desempenho (39,3%), seguida por opinião (26,9%), abuso de poder (11,2%) e corrupção (10,1%)

Houve ainda um caso atípico, que corresponde à breve gestão de Carlos Decotelli na Educação. A demissão do então ministro por incluir informações falsas em currículo é uma crise que não se encaixa nas descrições dos tipos já previstos e, por isso, foi classificada como "crise de falsidade ideológica".

Um ponto relevante que emerge dos resultados diz respeito às crises de "opinião". No governo Bolsonaro, esse tipo de crise se destacou como o segunda mais recorrente, um fenômeno que contrasta com governos anteriores, quando o segundo lugar era ocupado pelas crises de "disputa político-partidária". Durante os 34 anos que antecederam a gestão Bolsonaro, foram registrados 46 ciclos de crise de opinião (GRAMACHO, 2022). Somente no governo analisado por este trabalho, porém, foram vistas 24 crises desse tipo. Ou seja, de todas as crises de opinião ocorridas na Nova República, 34% foram nos quatro anos de Bolsonaro. O número expressivo reflete a dinâmica do governo, marcada por declarações polêmicas de ministros em temas sensíveis e por uma comunicação constantemente conflituosa com a imprensa e a sociedade.

Figura 2: Frequência absoluta de Ciclos de Crise de Imagem Política, por tipo



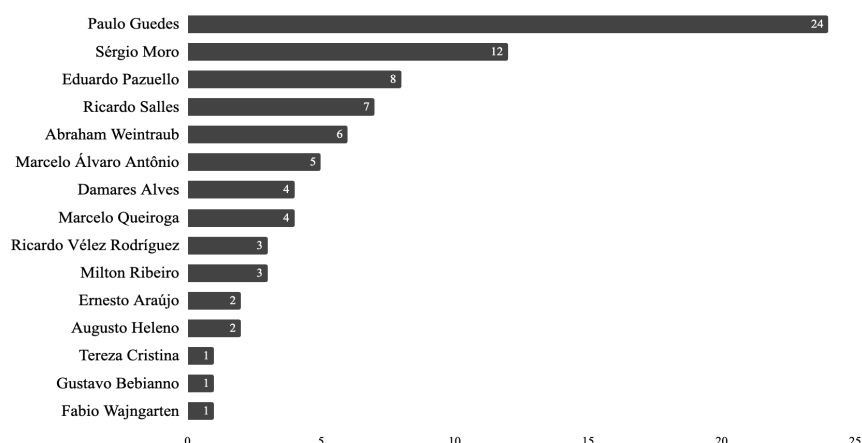
O ministro que enfrentou mais ciclos de crise de imagem política foi Paulo Guedes, com 24 crises: 10 de mau desempenho, 9 de opinião, 4 de disputa político-partidária e uma de conflito de interesses. Ou seja, as crises de imagem

enfrentadas pelo então ministro da Economia foram essencialmente de tipo não moral: 22 das 24.

O dado segue o padrão dos governos anteriores. Em toda a Nova República, o ministério da Economia também foi o protagonista em ciclos de crise de imagem. Até Temer, a pasta tinha registrado 130 ciclos de crises de imagem política, sendo "mau desempenho" a mais frequente (57,7%) (GRAMACHO, 2022).

A maioria das crises de Paulo Guedes eram de baixa intensidade, durando menos de 5 dias. A mais longa é uma crise de disputa político-partidária, que durou 13 dias. Em meio a embates políticos entre Executivo e Legislativo, que envolviam derrotas em projetos relacionados ao orçamento e à Reforma da Previdência, Paulo Guedes criticou a capacidade de articulação do PSL – partido de Bolsonaro – e ameaçou deixar o cargo se não conseguisse apoio político do governo.

Figura 3: Os 15 ministros com mais ciclos de crise de imagem política



Sérgio Moro aparece em segundo lugar com o maior número de ciclos de crise de imagem política. Foram 12: 4 de abuso de poder, 4 de mau desempenho, 2 de disputa político-partidária e 2 de opinião. A crise mais longa durou 32 dias e se refere às mensagens divulgadas pelo site The Intercept Brasil, que mostraram colaboração Moro e Deltan Dallagnol na Lava Jato.

Em terceiro lugar com mais crises, está Eduardo Pazuello com 8 ciclos. Foram 6 de mau desempenho, uma de abuso de poder e outra de opinião. A crise mais longa teve 13 dias de duração. Ela aconteceu depois que Manaus entrou em colapso com hospitais sem oxigênio. Em janeiro de 2021, a Folha noticiou que Pazuello teria sido avisado

sobre uma possível escassez de oxigênio e problemas logísticos nas remessas antes de a situação se agravar.

O contexto da crise sanitária é um ponto peculiar e de extrema importância do governo analisado. Os ministros da Saúde do governo Bolsonaro enfrentaram grande pressão midiática e desafios políticos que resultaram em crises de imagem recorrentes, de forma não vista na mesma intensidade em governos anteriores. Somente nos 4 anos analisados foram 13 ciclos de crise de imagem de ministros da Saúde, enquanto a pesquisa de Gramacho (2022) levantou o total de 22 crises em mais de 30 anos analisados.

Um outro caso singular é o de Marcelo Álvaro Antônio (Turismo), que aparece em sexto lugar com cinco ciclos de crise, todas de corrupção. Logo no início do mandato, em fevereiro de 2019, a Folha de S. Paulo revelou que o então ministro patrocinou um esquema de candidaturas laranjas para enviar verbas públicas de campanha a empresas ligadas a seus assessores. Antônio permaneceu no cargo até dezembro de 2020, e sua gestão foi marcada pelo desenrolar das investigações sobre o caso.

Conclusão

Este estudo analisa a exposição de ministros de Estado nas capas da Folha de S. Paulo durante o governo Jair Bolsonaro (2019–2022). Em alguns casos, a cobertura negativa e recorrente configurou ciclo de crise de imagem política (CCI-POL), que levou à demissão dos ministros. Os episódios evidenciam o papel central da imprensa na construção da reputação e no destino político de autoridades em democracias como a brasileira.

A análise revela que essas crises foram decisivas para a saída de ministros, mesmo aqueles com respaldo do presidente, como Abraham Weintraub e Eduardo Pazuello, ou da população, como Luiz Henrique Mandetta. Os casos de Mandetta e de Sérgio Moro revelam ainda como a imprensa é usada por agentes políticos como meio para expressar as disputas entre eles.

A pasta da Economia, tradicionalmente a mais exposta, foi novamente protagonista, com Paulo Guedes enfrentando o maior número de citações e de crises. Esse fato evidencia como a economia continua sendo o principal foco de atenção da Folha em diferentes governos.

Dos 89 ciclos de crise identificados, observou-se que as crises por "mau desempenho" e "opinião" foram as mais recorrentes. A relevância das crises de "opinião" no governo Bolsonaro foi um fenômeno atípico quando comparado a gestões anteriores. O aumento expressivo desse tipo de crise reflete o estilo de comunicação do governo, que frequentemente gerava controvérsias públicas.

O estudo revela também a singularidade do contexto da pandemia de covid-19 na gestão Bolsonaro, com a Saúde se tornando um dos ministérios mais expostos e com um número elevado de crises em comparação com governos anteriores.

Este estudo contribui para o entendimento do poder da mídia na política brasileira ao mostrar um retrato das interações entre imprensa e governo. O trabalho amplia o banco de dados de crises de imagem política, fornecendo um recurso valioso para futuras pesquisas. A continuidade deste trabalho permitirá a observação de tendências e padrões ao longo do tempo, facilitando a compreensão de como a mídia e a política interagem no Brasil, além de contribuir para o estudo de estratégias de comunicação voltadas à gestão de crises na política

Referências

CHAIA, V.; TEIXEIRA, M. A.. **Democracia e escândalos políticos. São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 4, p. 62–75, out. 2001.

GRAMACHO, Wladimir. **Crises de Imagem na Esplanada: Uma primeira análise da exposição de ministros de Estado nas capas da Folha de S.Paulo (1985-2018)**. In: Anais Do 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2022, Brasília. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/crises-de-imagem-na-esplanada-uma-primeira-analise-da-exposicao-de-ministros-de?lang=pt-br>. Acesso em: 19 Ago. 2024.

GRAMACHO, Wladimir Ganzelevitch. **Os ciclos de crise de imagem política: conceito, mensuração e análise**. Compolítica, 2019. Disponível em: <https://revista.compolitica.org/index.php/revista/article/view/278>. Acesso em: 16 ago. 2024.

GRAMACHO, Wladimir. **O pior emprego da Esplanada**. Poder360, Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opiniao/o-pior-emprego-da-esplanada/>. Acesso em 19 ago. 2024

PALOTTI, L.; CAVALCANTE, P. **Articuladores políticos e dirigentes da burocracia: ministros de Estado no Brasil e em perspectiva comparada**. Ipea.gov.br, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8603>. Acesso em 19 ago. 2024.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna na teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, Editora Vozes, 1995.